Hamlet e a Psicanálise: a Gênese Literária da Melancolia

Prof.^a Dr.^a Nathalia Botura de Paula Brennecke

(Professora de Letras e Psicanalista)

Resumo

Este ensaio visa a trazer, em um primeiro momento, os paralelos literários entre Shakespeare e Freud a partir das análises de Harold Bloom, em especial discorrendo sobre a importância histórica de **Hamlet, o Príncipe da Dinamarca**. Em um segundo momento, trataremos da diferença apontada pelo próprio Freud entre o complexo de Édipo em Sófocles – ausente do mecanismo de recalque –, e o complexo de Édipo em Hamlet, na aurora do século XVII, caracterizado por seus traços melancólicos e, fundamentalmente, pela formação do recalque. Pode-se dizer então, que Édipo se torna Hamlet via recalque com o avanço civilizacional. À guisa de conclusão, tentaremos responder à seguinte pergunta proposta de início: **o que Hamlet tem a ensinar ao indivíduo contemporâneo, para quem a melancolia pode ser um estado intolerável?**

Palavras-chave: Hamlet, Psicanálise, Melancolia, Complexo de Édipo.

Abstract

*This essay aims at bringing, at first, the literary parallels between Shakespeare and Freud from Harold Bloom's analyzes, in particular by discussing the historical importance of Hamlet, the Prince of Denmark. In a second moment, we will deal with Freud's own distinction between **Oedipus** complex in Sophocles - absent from the repression mechanism - and **Oedipus** complex in Hamlet, at the dawn of 17th century, characterized by its melancholic features and, fundamentally, by the repression formation. It can then be said that **Oedipus** becomes Hamlet via repression with civilizational advancement. By way of conclusion, we will try to answer our initial question: what does Hamlet have to teach to the contemporary being, for whom melancholy can be an intolerable state?*

Keywords: Hamlet. Psychoanalysis. Melancholy. Oedipus complex.

Shakespeare e Freud

O que Hamlet tem a nos ensinar na atualidade, homens e mulheres contemporâneos(as), apologetas de uma felicidade narcísica e, por vezes, postiça? Como a Psicanálise tem lido a dinâmica edípica

na tragédia mais fundacional do homem moderno: Hamlet? Como explicar a fascínio que Hamlet exerce por tantos séculos sobre estudiosos, amantes da literatura, estudantes de Letras e sobre a Psicanálise proposta por Freud e Lacan?

Seguindo o fluxo de perguntas que a obra nos suscita: já que é uma peça cheia de equívocos e inconsistências, como assevera T. S. Eliot, por que se tornou a obra mais admirada de Shakespeare?

Para responder, ao menos parcialmente, a essas duas últimas questões, cabe lembrar de que Hamlet se trata de um **clássico**. Como profere Ítalo Calvino (2007) em **Por que ler os clássicos?**, clássica é uma obra que encontrou seu lugar na genealogia literária, que perdura no tempo, que pode ser lida à exaustão, pois sempre oferecerá a seu leitor novos vieses, novas perguntas, novos sentidos. Hamlet é, pois, definitivamente um clássico atemporal:

“Um clássico é um livro que vem antes de outros clássicos; mas quem leu antes os outros e depois lê aquele, reconhece logo o seu lugar na genealogia” (CALVINO, 2007, p. 14).

Hamlet é uma peça trágica de William Shakespeare, escrita entre 1599 e 1601, na Era Elisabetana. A peça, situada na Dinamarca, reconta a história de como o príncipe Hamlet tenta vingar a morte de seu pai – também de nome Hamlet, o rei –, assassinado por Cláudio, seu tio. Cláudio, além de envenenar o próprio irmão, casa-se com a cunhada – mãe de Hamlet – rainha Gertrudes quando, enfim, toma o trono e assume o poder. Ao cabo, materializando o inescapável destino trágico – *moira* grega –, todos morrem.

A peça explora temas atemporais como a traição, vingança, o incesto, a hesitação e melancolia. Mesmo sendo a mais extensa de Shakespeare, e provavelmente a que mais lhe deu trabalho, encontrou o seu espaço na história, consagrando-se como uma das mais poderosas e influentes tragédias em língua inglesa, resgatada com particular entusiasmo no século XIX.

Durante o tempo de vida de Shakespeare, a peça estava entre uma das mais populares do teatro elisabetano e até hoje figura entre os textos mais realizados nos palcos, nos cinemas e até nas paródias. Hamlet influenciou inúmeros escritores como Machado de Assis, Goethe e James Joyce, além de ser considerada por muitos críticos e artistas das mais variadas sortes, como a obra mais aberta e universal de Shakespeare.

Como sugere Harold Bloom (2000) – *bar-dólatra* confesso (amante inveterado de Shakespeare) –, utilizando uma expressão que se encontra na própria peça, trata-se de um “poema ilimitado”, por sua riqueza estética e universalidade temática.

Dada à estrutura dramática e profundidade de caracterização das personagens, Hamlet pode ser interpretada e debatida por diversas perspectivas. Isso se deve também ao fato de que as personagens shakespearianas se revelam cromáticas, híbridas e sempre contraditórias em si.

Os protagonistas de Shakespeare não se pretendem paradigmas de virtudes irreparáveis; bastiões da perfeição moral, pelo contrário. As personagens trazem contidas no psiquismo ambivalências nas quais coabitam o bem e mal, o desejo e a inveja, a culpa e reparação, o descomedimento e recalque, as qualidades e os defeitos, os vícios e as virtudes – nada melhor para traduzir o humano e seu imponderável.

Segundo Barbara Heliodora (2004), uma das maiores especialistas em Shakespeare no Brasil, o dramaturgo tornou-se universal devido ao seu “[...] grande caso de amor com a humanidade [...]”. Talvez a perdurabilidade e vitalidade de **Hamlet** sejam mesmo frutos da realidade humana brutal e artisticamente expressa, realidade cheia de incongruências, contrassensos, ações impensadas e motores que extrapolam a consciência.

Ao ler Shakespeare é fácil identificar semelhanças entre a subjetividade de suas personagens ficcionais – com ressalvas óbvias das diferenças de tempo e espaço – e a subjetividade

de pessoas de nosso convívio que carregam no íntimo a concretude real dos dramas e traumas que nos conferem atávica substância humana.

Harold Bloom (2000), em **Shakespeare: a invenção do humano**, afirma que a genialidade de Shakespeare está na representação do personagem, criando um homem real com palavras, um homem acrescentado à função da literatura imaginativa e cuja lição mais fundamental – e inescapavelmente melancólica – é a de como falar consigo, especialmente no caso dos solilóquios hamletianos.

Segundo esse autor, Shakespeare teria inventado o humano moderno, o sujeito internalizado e, por isso, teria sido o pioneiro das ideias psicanalíticas, assumindo, assim, a “paternidade” legítima, em detrimento de Freud.

Para Bloom (2000) as elaborações teóricas freudianas seriam os versos de Shakespeare transmutados em prosa. Evidentemente, trata-se do exagero de um idólatra de Shakespeare. Contudo, oferece-nos uma chave interpretativa interessante: seria mais sensato ler Freud à luz de Shakespeare do que Shakespeare à luz de Freud.

Não podemos dizer, contudo, que Bloom (2000) diminui os méritos de Freud. Para esse autor, o crítico Freud é, primordialmente, grande filósofo e escritor, cujas ideias teriam um alcance incalculável no amoldamento da nossa cultura.

Em um episódio caricato, Harold Bloom (2000) coloca imaginariamente o doutor Freud em um divã, ou em um suposto palco elisabetano, e diagnostica-o como um caso incurável de **complexo de Hamlet**, dado que esse invejava, de certo modo, a genialidade daquele. Na opinião de Bloom (2000), Shakespeare é o inventor da Psicanálise e Freud o seu codificador.

As análises de Bloom (2000) endereçadas à Psicanálise são sempre polêmicas e ambivalentes: em suma, o dramaturgo inglês já teria esboçado uma espécie de Psicanálise Metafísica, em estado puro.

Uma possível resposta para tamanha presença de William Shakespeare na Psicanálise nos oferece Bloom (2000) ao dizer que: “Quando suas personagens mudam, ou se obrigam a mudar ouvindo-se a si mesmas, profetizam a situação psicanalítica em que os pacientes são obrigados a ouvir-se no contexto de sua transferência para seus analistas”.

Para esse crítico literário, antes de Freud, Shakespeare era a nossa autoridade sobre o amor e as suas vicissitudes, ou sobre os impulsos, e está claro que ainda continua sendo o nosso melhor inspetor do psiquismo humano, uma vez que jamais deixou de orientar o doutor Freud.

Mas Bloom (2000) não deixa de elogiar Freud com igual intensidade. O triunfo de Freud estaria em sua capacidade de influenciar a cultura ocidental em níveis profundos, criando categorias e conceitos que, ao serem disseminados amplamente, interiorizam sentidos em milhões de pessoas que nunca sequer o leram. A obra e linguagem de Freud foram incorporadas à linguagem corriqueira e banal, e acabamos por utilizá-las como recurso interpretativo mesmo sem nos dar conta disso. Id, ego, superego, complexo de Édipo, recalque são, para Bloom (2000) “ficções úteis” e “metáforas” que nos auxiliam a interpretar a nossa realidade interior.

Assim, Harold Bloom (2000) admite atestado de perenidade ao pensamento freudiano por sua inquestionável “[...] perspicácia cognitiva, esplendor estilístico e sabedoria”. Em que pesem as diferenças, Shakespeare e Freud são dois clássicos ocidentais das mais altas grandezas e que sim, podem dialogar.

Hamlet no divã

Trataremos de responder à questão proposta de início acerca do triângulo edípico em Hamlet. Não são raras as interfaces entre Hamlet e a Psicanálise. Primordialmente Freud, seguido de Ernest Jones, Lacan e Winnicott se ocuparam do tema.

Hamlet ao ver a sua mãe casando-se com seu tio – que cometera um escandaloso fratricídio contra seu irmão rei – teve um choque que ultrapassou o sofrer convencional, ingressando, assim, em uma nova percepção da realidade que transcenderia os eventos materiais que a causaram. Em um profundo mergulho interior, Hamlet desemboca em uma visão diferente de si e de tudo o que o cercava.

Hamlet foi o primeiro gótico da história, só vestia preto, dizendo: “[...] o manto escuro e todos os aspectos da dor mostram os meus mais puros sentimentos”.

A seguir, os versos do primeiro solilóquio de Hamlet apresentado após um diálogo com a sua mãe, Gertrudes, no qual deprecia a natureza, inconstância de sua mãe e a condição humana submetida às ervas daninhas que não foram devidamente removidas. Revela-se nesse momento o seu desejo de “fazer chacina de si mesmo” – imagem clara para o suicídio –, alegando que só não o faz por ser ato contra a Lei divina:

Oh, e pensar que esta carne tão, tão firme, pudesse desmanchar e derreter em umidade.

Se o Todo-Poderoso não houvesse fixado sua lei contra a **chacina de si mesmo**.

Oh Deus, Deus

Quão enfadonhos, velhos, superficiais e insípidos

Parecem-me todos os objetivos deste mundo!

(Primeiro solilóquio de Hamlet, tradução minha)

Shakespeare insiste na interiorização do personagem, no exercício de **entreviver-se**, de controverter consigo o tempo todo. Daí os constantes solilóquios ou monólogos e seus possíveis paralelismos com a Clínica Psicanalítica.

Nos moldes contemporâneos, há quem diga que Hamlet padeceria de depressão, expressa por Maria Rita Kehl (2011) como “[...] um enfrentamento insuportável com a verdade”.

A depressão é o rompimento desta rede de sentido e amparo: momento em que o psiquismo falha em sua atividade ilusionista e deixa entrever o vazio que nos cerca, ou o vazio que o trabalho psíquico tenta cercar. É o momento de um enfrentamento insuportável com a verdade. (KEHL, 2011)

Antes, cabe entender como a Psicanálise absorveu Hamlet em seus primórdios. Biógrafos atestam que o tema mais frequente nas conversas com Freud sobre literatura era Shakespeare. Trechos do dramaturgo inglês eram sempre citados por Freud no original, com pronúncia impecável.

São 37 referências de Freud a Hamlet, quase sempre na tentativa de elaboração do complexo de Édipo. A primeira referência está em uma carta a Fliess, na qual caracteriza Hamlet como “histérico”. Assim Freud comunica a Fliess a sua grande descoberta:

Como é que ele [Hamlet] consegue explicar sua hesitação em vingar o pai assassinado através do seu tio? De que outro modo poderia justificar-se melhor do que mediante o tormento de que padece com a obscura lembrança de que ele próprio planejou perpetrar a mesma ação contra seu pai, por causa da paixão pela mãe? [...] Sua consciência moral, conclui Freud, é seu **sentimento inconsciente de culpa**. (FREUD, 1996d, p. 307-308, grifo meu)

Freud (1996d) ainda revela ao amigo e confidente: “Verifiquei, também no meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme do pai e agora considero isso como um evento universal do início da infância”.

Sabemos que a mais conhecida referência ficcional que sustenta o complexo de Édipo é a tragédia **Édipo Rei**, de Sófocles, porém, vemos explícita nessa passagem a importância da obra **Hamlet** para a formulação do complexo de Édipo, expressão só utilizada pelo qual treze anos mais tarde.

Ao mencionar o príncipe Hamlet, somos convidados por Freud a ler a personagem de Hamlet também na chave da melancolia, já expressa poeticamente no primeiro solilóquio.

Cabe aqui a distinção entre luto e melancolia. No luto é possível, em certo sentido, superar a perda e depois de um tempo, interessar-se de novo por pessoas e lugares, novas expressões. No luto acontece um renascimento dos investimentos de objeto, da libido que se dirige ao mundo. Já na melancolia há perda de si, desautorização de si – e do outro –, o ego se enfraquece e se esvazia.

O luto dos pais tende a envolver, naturalmente, um longo processo de integrações, isolamentos e recombinações diversas para se estar no mundo. Mas o que se passa na melancolia é uma recusa a entrar no processo do luto. Assim, a vida torna-se impraticável e a tendência ao suicídio pode acontecer quando não se há lugar para existir.

Hamlet é um clássico melancólico que lamenta o princípio de “regulação divina” contrária à autodestruição, afinal, tudo o que deseja é fugir deste mundo que não proporciona nenhuma perspectiva de realização de ideais. Em síntese, Hamlet só não se mata porque Deus não o permite.

Sobre a melancolia, segue um dos trechos mais impactantes e, pelo encadeamento primoroso de ideias, impossível de ser reduzido. Está presente em **Luto e melancolia** (FREUD, 1996a, p. 122, grifo meu):

O melancólico exhibe ainda uma outra coisa que está ausente no luto – uma diminuição extraordinária de sua autoestima, um empobrecimento de seu ego em grande escala. [...] Seria igualmente infrutífero, de um ponto de vista científico e terapêutico, contradizer um paciente que faz tais acusações contra seu ego. Certamente, de alguma forma, ele deve estar com a razão, e descreve algo que é como lhe parece ser. Devemos, portanto, confirmar de imediato, e sem reservas, algumas de suas declarações. Ele se encontra, de

fato, tão desinteressado e tão incapaz de amor e de realização quanto afirma. Mas isso, como sabemos, é secundário; trata-se do efeito do trabalho interno que lhe consome o ego – trabalho que, nos sendo desconhecido, é, porém, comparável ao do luto. O paciente também nos parece justificado em fazer outras autoacusações; apenas, ele dispõe de uma visão mais penetrante da verdade do que outras pessoas, que não são melancólicas. Quando, em sua exacerbada autocritica, ele se descreve como mesquinho, egoísta, desonesto, carente de independência, alguém cujo único objetivo tem sido ocultar as fraquezas de sua própria natureza, pode ser, até onde sabemos, que tenha chegado bem perto de se compreender a si mesmo; ficamos imaginando, tão-somente, por que um homem precisa adoecer para ter acesso a uma verdade dessa espécie. **Com efeito, não pode haver dúvida de que todo aquele que sustenta e comunica a outros uma opinião de si mesmo como esta – opinião que Hamlet tinha a respeito tanto de si quanto de todo mundo – está doente**, quer fale a verdade, quer se mostre mais ou menos injusto para consigo mesmo.

Em **A interpretação dos sonhos**, Freud (1900, 1996c) recorre, novamente, à tragédia de Hamlet ao indagar: “O que é, então, que impede Hamlet de cumprir a tarefa imposta pelo fantasma do pai?”.

Ao longo dos séculos, muitos têm se intrigado com a hesitação de Hamlet em matar o seu tio fraticida. A questão é: por que Hamlet não o fez de imediato, logo depois de seu tio Cláudio ter se casado com a sua mãe? Alguns defendem pragmaticamente que se trata de simples técnica para prolongar a ação do enredo. Já os críticos de olhar psicanalítico têm se dedicado ao elemento inconsciente em Hamlet, mais precisamente à peculiaridade de sua trama edípica.

“Edipianamente” dizendo, Hamlet complementou o que faltava em Édipo rei, ou seja, a dinâmica edípica em Hamlet viabilizou a tese de Freud acerca de um desejo que não coloca

o sujeito necessariamente na ação, mas, ao contrário, que inconscientemente o impede, paralisando-o. Trata-se, portanto, do recalque.

Após essas análises, Sigmund Freud conclui que Hamlet encontra-se impossibilitado de vingar a morte do pai, uma vez que ao assassinar o tio, atualizaria os seus desejos infantis reprimidos: matar o pai e ficar com a sua mãe.

Segundo Freud, Hamlet era capaz de matar uma pessoa, como o fez sem a menor parcela de culpa com Polônio, mas hesitou matar o seu tio porque esse lhe remetia aos seus impulsos infantis. Confrontado com a sua repressão psicológica, Hamlet se dá conta de que “[...] ele próprio não está em estado melhor do que o pecador que ele quer punir” – no caso o tio traidor.

Em **Hamlet, príncipe da Dinamarca**, estamos diante dos mesmos condicionantes norteadores de **Édipo rei**: impulsos incestuosos e parricidas, com a peculiaridade do recalque.

Para Freud, o mecanismo de recalque se desenvolveu cultural e psiquicamente no intervalo temporal que separa as duas produções literárias de Édipo e Hamlet – culminando na amplitude do recalque e, por consequência, no mal-estar civilizacional. Portanto, dado esse avanço do mecanismo de recalque, em Hamlet esses impulsos permanecem recalcados; já em Édipo, a fantasia infantil é, de fato, realizada: Édipo realmente mata o pai e casa-se com a mãe, materializando o incesto.

Assim, a personagem Hamlet, diante de seu recalque psíquico, apresenta-se como típico neurótico, cujo enigma não recebe resposta. Sobre tornar-se um Hamlet, como reação ao complexo, isto é, como um neurótico, Freud (1976, p. 392) escreve em **Conferências introdutórias sobre Psicanálise**: “[...] a análise confirma tudo o que a lenda descreve. Mostra que cada um desses neuróticos também tem sido um Édipo, ou, o que vem a dar no mesmo, como reação ao complexo, tornou-se um Hamlet”.

Respondendo à nossa questão inicial, Freud defende que a hesitação de Hamlet em realizar a tarefa se deve à própria natureza da tarefa.

Precisaria vingar o pai matando o assassino desse, mas, infelizmente, tal assassino – o tio Cláudio – simboliza os seus impulsos infantis. Tais identificações com o tio lhe são os impedimentos inconscientes.

É inquestionável e pouco difundida a importância de Hamlet no contexto psicanalítico freudiano. A decifração do enigma de Hamlet – a interpretação acerca de sua hesitação em matar o tio – significou um ponto de viragem fundamental que sustenta a teoria do recalque na obra freudiana. Enfim, a sofrida hesitação de Hamlet recebeu um sentido plausível. Em **O Moisés de Michelangelo**, Freud (1996b, p. 254) escreve: “[...] tenho acompanhado de perto a literatura psicanalítica e aceito sua pretensão de que somente depois de ter tido o material da tragédia sua origem remontada pela Psicanálise ao tema edípico é que o mistério de seu efeito foi por fim explicado”.

Lacan, para quem o psiquismo é, aprioristicamente, linguagem, ocupou-se também da questão hamletiana na década de 1950, em uma série de seminários em Paris. O ponto de partida de Lacan foi compreender como Hamlet, inconscientemente, assume o papel de falo, o que lhe causa inércia, criando buracos ou faltas nos aspectos reais, imaginários e simbólicos.

A Psicanálise, ao absorver a análise de Hamlet em seu corpo teórico, tenta demonstrar as malhas entremeadas no desejo e as saídas que encontramos para dar conta dos impulsos mais infantis: daí a íntima relação com a tragédia, uma vez que tanto “[...] a Psicanálise, como a tragédia, se sustenta no paradoxo” (MAURANO, 2001, p. 84).

Considerações finais

O que Hamlet tem a nos ensinar na atualidade, homens e mulheres contemporâneos(as), tantas vezes defensores de uma felicidade a qualquer custo?

O tema da melancolia em Hamlet é central e não menos importante do que as questões edípicas clássicas.

Hamlet sofre de si, de melancolia, sofre por saber demais.

A melancolia, desde os gregos, é vista como um quadro de temperamento descrito pela falta de entusiasmo pela vida e caracterizada por uma disfunção dos humores – fluidos –, no caso a bÍlis negra – *mélas* = negro e *cholé* = bÍlis.

Durante o romantismo estético, a melancolia ganhou status especial de profundidade da alma, chegando a ser solenizada entre os eu-líricos mais sentimentais e ensimesmados.

Em geral, a literatura e as artes apontam a melancolia como um olhar contemplativo de mundo, porém, não se trata de uma contemplação esperançosa, panglossiana – bem ao avesso disso.

O melancólico observa coisas no mundo que os outros não veem, ou diante das quais se cegam consciente ou inconscientemente. Talvez porque essas coisas remetam a uma dor muito originária e brutalmente trágica. “Quão enfadonhos, velhos, superficiais e insípidos parecem-me todos os objetivos deste mundo!”, murmura Hamlet para si.

O que então Hamlet diria aos indivíduos contemporâneos que elegem felicidades e alegrias das mais ligeiras e superficiais como metas de vida, como hábitos de ser no mundo? Talvez dissesse que tudo não passa de estratégia – legítima ou não – para burlar a inevitável dor do “desconcerto do mundo”, como diria Camões.

A cena de Hamlet “ser ou não ser” – imortalizada no século XIX, tendo em suas mãos uma caveira, com a qual dialoga –, é a metáfora do espanto do ser humano diante de seu implacável futuro a culminar no pó. Encontra-se aí a transversalidade do clássico shakespeariano ao tocar no cerne da dor existencial: a finitude.

Afinal, o trágico está em nós.

Com a sua assinatura trágica, Hamlet nos ensina que a vida é agon – conflito, tensão, incapável angústia, como diria Freud. A vida é um palco e somos os atores sem roteiros prévios, repletos de som e fúria. E por mais paradoxal que nos pareça, é exatamente pelo desalento

diante da finitude que somos capazes de cavar na vida alguns espaços de gozo com coragem, assim constata a Psicanálise.

Na tentativa de um chiste espirituoso, poderíamos ousar inverter a equação, ao perguntarmos o que homem contemporâneo poderia ensinar a Hamlet? Se é que lhe poderia ensinar algo.

Em que pese os nossos excessos e as nossas ostentações *facebookianas*, compulsões variadas, novas cartografias de afeto que nos aprisionam em nossas próprias intensidades, o nosso consumismo insano e todos os demais escapismos vãos de nosso narciso, ainda assim, penso que seria cabível e legítimo recomendar a Hamlet um bom analista!

Figura 1 – **A visão de Hamlet** (1893), Pedro Américo. Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Figura 2 – Autorretrato de Delacroix como Hamlet (1820).

Figura 3 – Ilustração de Pete Ellis (1997), Londres, Reino Unido.

Versos mais emblemáticos em Hamlet, de Shakespeare (2007, tradução de Millôr Fernandes, grifos meus)

Ser ou não ser – eis a questão.

Será mais nobre sofrer na alma
Pedradas e flechadas do destino feroz
Ou pegar em armas contra o mar de angústias –
E, combatendo-o, dar-lhe fim? Morrer; dormir;
Só isso. E com o sono – dizem – extinguir
Dores do coração e as mil mazelas naturais
A que a carne é sujeita; eis uma consumação
Ardentemente desejável. Morrer – dormir –
Dormir! Talvez sonhar. Aí está o obstáculo!
Os sonhos que hão de vir no sono da morte
Quando tivermos escapado ao tumulto vital
Nos obrigam a hesitar: e é essa reflexão
Que dá à desventura uma vida tão longa.
Pois quem suportaria o açoite e os insultos do mundo,
A afronta do opressor, o desdém do orgulhoso,
As pontadas do amor humilhado, as delongas da lei,
A prepotência do mando, e o achincalhe
Que o mérito paciente recebe dos inúteis,
Podendo, ele próprio, encontrar seu repouso
Com um simples punhal? Quem agüentaria fardos,
Gemendo e suando numa vida servil,
Senão porque o terror de alguma coisa após a morte –
O país não descoberto, de cujos confins
Jamais voltou nenhum viajante – nos confunde a vontade,
Nos faz preferir e suportar os males que já temos,
A fugirmos pra outros que desconhecemos?
E assim a reflexão faz de todos nós covardes.
E assim o matiz natural da decisão
Se transforma no doentio pálido do pensamento.
E empreitadas de vigor e coragem,
Refletidas demais, saem de seu caminho,

Perdem o nome de ação. (p. 67)

Há mais coisas no céu e na terra, Horácio,
Do que sonha a tua filosofia. (p. 40)

Ó, coração, não esquece tua natureza;
não deixa

Que a alma de Nero entre neste peito humano.

Que eu seja cruel, mas não desnaturado.

Minhas palavras serão punhais lançados
sobre ela;

Mas meu punhal não sairá do coldre.

**Que, neste momento, minha alma e minha
língua sejam hipócritas;**

**Por mais que as minhas palavras trans-
bordem em desacatos**

**Não permita, meu coração, que eu as
transforme em atos!** (p. 83)

Conselho de Polônio a seu filho Laertes

E trata de guardar estes poucos preceitos:
Não dá voz ao que pensares, nem trans-
forma em ação um pensamento tolo.

Sejas amistoso, sim, jamais vulgar.

Os amigos que tenhas, já postos à prova,
Prende-os na tua alma com grampos
de aço;

Mas não caleja a mão festejando qual-
quer galinho implume

Mal saído do ovo.

Procura não entrar em nenhuma briga;

Mas, entrando, encurrala o medo no inimigo,

Presta ouvido a muitos, tua voz a poucos.

Acolhe a opinião de todos – mas você decide.

Usa roupas tão caras quanto tua bolsa
permitir,

Mas nada de extravagâncias – ricas, mas
não pomposas.

O hábito revela o homem,

E, na França, as pessoas de poder ou posição

Se mostram distintas e generosas pelas
roupas que vestem.

Não empreste nem peça emprestado:

Quem empresta perde o amigo e o dinheiro;

Quem pede emprestado já perdeu o con-
trole de sua economia.

E, sobretudo, isto: sê fiel a ti mesmo.

Jamais serás falso pra ninguém.

Referências

BLOOM, H. **Hamlet**: poema ilimitado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

_____. **Shakespeare**: a invenção do humano. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos?** [S.l.: s.n.], 2007.

FREUD, S. Luto e melancolia (1917). In: **Edição eletrônica brasileira de obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 14. Rio de Janeiro, Imago, 1996a.

_____. O Moisés de Michelangelo (1914). In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v. 13. Rio de Janeiro, Imago, 1996b. p. 254.

_____. A interpretação dos sonhos (1900). In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 4. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

_____. Carta 71 (a Fliess) (1897). In: **Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 1. Rio de Janeiro, Imago, 1996d.

_____. Conferências introdutórias sobre Psicanálise (1916-1917 [1915-1917]). In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v. 16. Rio de Janeiro, Imago, 1976. p. 392.

HAMLET. Dir. Franco Zeffirelli. Int. Mel Gibson et al. Rot. Christopher De Vore; Franco Zeffirelli. Estados Unidos, 1990. 130 min.

HELIODORA, B. **Reflexões shakespearianas**. Rio de Janeiro: Lacerda, 2004.

JONES, E. **Hamlet e o complexo de Édipo**. Rio de Janeiro: UFJF, 2001.

_____. **Hamlet e o complexo de Édipo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

LACAN, J. **Hamlet por Lacan**. São Paulo: Escuta, 1986.

Maria Rita Kelh e a depressão. **Sociedade Paulista de Psicanálise**. 2011. Disponível em: <<https://sppsic.wordpress.com/2011/02/16/maria-rita-kelh-e-a-depressao>>. Acesso em: 15 maio 2017.

MAURANO, D. **A face oculta do amor**: a tragédia à luz da Psicanálise. Rio de Janeiro: Editô, 2001.

SHAKESPEARE, W. **Hamlet**. Trad. Millôr Fernandes. Porto Alegre, RS: L&PM, 2007.